APRESENTAÇÃO

O Caixeiro

CAPÍTULO I

01- O Dia no Armazém
02- O Armazém do Jesus Cardoso
03- A Venda do Zé Ferraz
04- A Venda do Titino
05- A Vitamina do Toninho Leiteiro
06- Os Açougues
07- Supermercado Dular
08- Livraria
09- O Boteco do Zé Basílio
10- Cocheiras

CAPÍTULO II

01- Balança
02-Gaveta
03- Caderneta
04- O Prego
05- O Balcão

06- A Prova dos Nove
07- Conchas e Caixotes
08- Para Tudo Existe Remédio
09- Baleiro
10- Filtros e Moringas
11- Latas Vazias
12- Quem Toma Grapette Repete
13- Envelopes e Selos
14- Perfume Francês que Nada
15- Petit Pois
16- Biscoito Duro
17- Feijão Macio
18- Brasa Quente

CAPÍTULO III

01-Espelho

02-Luz de Lampião

03- Carro de Boi não Canta

04- Curso a Distância

05- Conhecimento Diferenciado

06- Um Susto

07- Tradiçao

08 - O Caso do Ovo

09- A Praga do Guarda Chuva

10- Desventura do Ventura

CAPÍTULO IV

01- Zé Menino

02- Guacho

03- Nassim

04- Os Chapas

05- Cortador de Cana

06- Prosa com João Gabriel

07- Gente do Século Passado

08- Sobra de Comida

APRESENTAÇÃO

O Caixeiro

A década de oitenta,para a minha vida, tem uma marca importante.

Neste período que transitei da infância para a juventude, onde a descoberta do mundo real foi mais evidente.

A minha história possui vários capítulos, aliás, todos nós temos diversos e vou tentar contar um deles.

Para uma família grande e pobre, a necessidade de começar cedo no trabalho era fundamental e lá em casa foi assim, já bem novo tínhamos que nos virar.

Engraxar sapato, vender jornal velho, moer pimenta do reino, eram alguns serviços que enfrentávamos.

Agora, o primeiro serviço de verdade mesmo, foi trabalhar em um armazém.

Os armazéns, vendas, empórios eram os comércios varejistas que mais se praticavam,

não existiam ou pouco existiam os supermercados.

Quem trabalhava nos armazéns, eram conhecidos como caixeiros, trabalhadores que ficavam no balcão com a missão de atender a freguesia.

Mas espera aí, caixeiro? Isso mesmo, pessoal que trabalha em estabelecimento comercial atendendo os clientes no balcão; balconista.

Era o freguês de um lado e o caixeiro do outro. Tudo era na base do peso e os produtos embalados ficavam em prateleiras, que eram verticalizadas com uma altura que chegava até no teto, era preciso escadas para pegar algum item.

Tudo era muito corrido, pois o que o freguês pedia, era preciso ter pernas boas. Subir escada, descer escada, pesar aqui, pesar ali, embrulhar, amarrar, fazer conta e o que era fundamental, servir bem, para servir sempre.

Todo caixeiro tinha um estilo, caneta atrás da orelha era uma marca registrada.

CAPÍTULO I

01-O Dia no Armazém

Abrir as portas cedo com o dia clareando e fechar as portas já bem de noite, uma rotina diária.
Era meio que um ritual que se fazia no armazém. Portas abertas, começava a ajeitar as coisas. Sacos de feijão, de arroz, fubá, açúcar eram trazidos do depósito, que ficava nos fundos, para abastecer os caixotes.
Nas prateleiras eram colocados os produtos enlatados e embalados em caixas como os molhos de tomate, o café, macarrão, produtos de limpeza….
Eram tantos itens que deveriam ser expostos, que a peleja era diária.
Chegava o povo da roça com seus produtos, como ovos caipira, queijos, verduras, fumo de rolo, rapadura….
Tudo era comprado e revendido.
Não posso esquecer das produções artesanais que eram feitas, como, balaios de bambu,

esteiras, gaiolas, cabo de enxada, vassouras, palha de cigarro....
Os fornecedores de fora também chegavam com seus caminhões e logo a turma de chapas se aproximava para pegar um bico e descarregar os produtos.

02-O Armazém do Jesus Cardoso

O Armazém do Jesus Cardoso (tio do meu pai) e do Luís Monteiro ficava no centro de Visconde do Rio Branco, bem no princípio da rua Nova (av. Dr Carlos Soares).
Neste trecho do centro, era tudo bem movimentado, as pessoas se concentravam para as compras.

Lembro de vários comércios no local como o do Zé Abílio, Zé Machado, Zé Rodrigues, Osvaldo Capobiango, Paulo Rosa, Bert, Ivani Ignachitti….

Era o ponto central de tudo, o centro dos secos e molhados da cidade.

O Armazém do Jesus e Luiz era antigo, a família Cardoso por muitas décadas tinha se estabelecido ali.

Com uma frente extensa e portas de madeira, tinha um visual de grandeza de cidade do interior.

Meu pai e meus irmãos trabalharam ali por muito tempo e também tive a minha oportunidade.

O Armazém tinha de tudo que existia para os padrões de vida das pessoas.

De Agulha a querosene se achava de pronto para a necessidade das famílias.

Prego, pólvora, arroz, feijão, velas de cores, sabão, luva, Kichute…. Era uma mistura total.

03- A Venda do Zé Ferraz

Com a aposentadoria do Tio Jesus , o armazém foi dividido e uma parte o Luiz Monteiro prosseguiu e outra foi para o meu pai , Zé Ferraz, caixeiro antigo, que trabalhou muitos anos no balcão.

Surgiu então a Venda do Zé Ferraz, que com a família batalhou muito para o negócio prosperar.

O tino para o comércio e a vontade de trabalhar nos ajudou a superar as dificuldades.

Sempre tenho comigo um pensamento,tivemos mais do que fregueses, tivemos e temos até hoje muitos amigos e amigas que sempre nos deram a preferência.

No início era tudo igual, o mesmo jeito de trabalhar, o velho sistema de atendimento no balcão.

A alegria dava o tom durante o trabalho, os fregueses antigos do Armazém do Tio Jesus faziam questão de dar preferência à nossa Venda.

São tantos e tantas pessoas maravilhosas, que dá até para perder a conta e a lembrança.

04- A Venda do Titino

Lá vai o Serginho atravessar a cidade com uma marmita na mão em direção a venda do Titino, era uma das funções que tinha quando trabalhou com ele.

A casa do Titino ficava na rua Nova (av. Dr Carlos Soares) era um lugar muito bonito, com um quintal cheio de árvores , plantas e flores de várias espécies.

A Venda do Titino era lá no bairro Chácara. A calçada da venda era uma escada de cimento e se não me falha a memória tinha 03 degraus. Dentro da venda havia um balcão e prateleiras repletas de produtos que existiam na época.

A balança era de peso e a maioria das coisas tinham que ser pesadas.

Sempre tinha para ser vendida uma banda de porco que ficava estendida em parte do balcão.

O Titino gostava de cuidar de passarinhos e lá tinha gaiolas penduradas no teto que era de forro de taipa.

Mas voltando a missão do Serginho de levar a marmita de almoço, isso era feito porque o Titino saía muito cedo, a pé, com uma garrafa de café na mão e uma caneta na orelha e só voltava à noite. A distância era longa e se alimentava por lá mesmo.